

# Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Ex.º Sr.  
Presidente da Câmara Municipal  
BARCELOS



Proprietário:

Nunes de Oliveira

Director e Editor interino:

Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)

Redacção e Administração:

Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras

Comp. e imp.: EDITORA POVEIRA — Póvoa de Varzim

Telefone: Viatodos — 96167

Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465 — BARCELOS

## AMIZADE peninsular

Por M. TRISTÃO

A estadia entre nós do Ministro da Informação e Turismo de Espanha, Prof. Fraga Iribarne, na chefia da delegação espanhola que em Lisboa prosseguiu conversações sobre problemas respeitantes aos assuntos que ao turismo e informação dos dois povos peninsulares interessam, constituiu, sem dúvida, mais um testemunho das boas relações de amizade e cooperação entre Portugal e a terra de D. Quixote.

As matérias agora tratadas na capital portuguesa revestem-se, sem dúvida, da maior oportunidade e interesse e constituem meios seguros para um intercâmbio maior nos sectores relativos à Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema, Teatro, Cultura Popular e Turismo.

Deste encontro resultou, além de uma análise serena e compreensiva dos problemas em causa, a constituição de um grupo permanente de trabalho.

Pode afirmar-se, pois, que a vinda a Portugal do Ministro da Informação do país vizinho teve como resultado o êxito que era de esperar.

Quando há, porém, de um lado e do outro a consciência — para empregar a expressão do Prof. Fraga Iribarne — de princípios que se sobrepõem às contingências do momento; de normas eternas de Moral e de Direito, que não é possível renunciar a servir; de que as nações não constituem apenas realidades históricas, mas também empreendimentos universais com que não pode brincar-se; que as sociedades não são abstractas, criações jurídicas, mas antes corpos vivos, que têm de conservar a sua própria maneira de ser, se não quiserem morrer em tentativas absurdas de imitar os estranhos; e quando essa consciência é de dois povos firmes no seu destino, «temos de afirmar que existe o principal» — como esclarecidamente há dias acentuava um editorialista do «Diário da Manhã».

O Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, Sr. Dr. Paulo Rodrigues, num dos discursos que proferiu durante a visita leu as seguintes palavras proferidas, há anos, pelo Sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar: «as fronteiras de Portugal estavam abertas a quem queira conhecer a verdade da vida portuguesa». Abertas continuaram sempre e assim permanecem. Apenas cresceu em grau de eloquência a verdade, que então se afirmou, de que politicamente só existe o que o

(Continua na quarta página)

### Se penso...

Se penso ver distantes meus anseios  
Por tantas e tão justas ambições,  
Penso haver mais débéis ligações  
Acorrentando os doces devaneios!

Se penso desfrutar excelsos meios  
Capazes de afagar as ilusões,  
Penso trazer comigo sugestões  
Que libertem da tumba os duros freios

Se penso na beleza mascarada  
De algumas concorrentes ao bom nome  
Dentre as que dizem não prestar p'ra nada,

Penso melhor de quem procura a fama  
Na pureza algemada que consome,  
Na castidade avessa a tanto drama!

Barcelos, 21/2/64.

CÉSAR CARDOSO

## Vamos falar dos «Beatles»

Por BENJAMIM SALGADO

**E**U não quero mal nenhum aos simpáticos rapazinhos, quase imberbes ainda, que desencadearam por aí fora uma enorme vaga de entusiasmo furioso, uma erupção de histerismo que balança entre o ridículo e a loucura.

Lá o facto de lhes faltar na cara o que lhes sobra na testa, capilarmente falando, também não conta poderosamente, sabido como é que as multidões vão mais pela maquiagem do que pelo miolo, mais pela «mise en scène» do que pelo valor real das coisas. Não estamos nós na época do plástico, do simbólico, da imitação, da falsificação?

Folgo até de saber que os quatro cavaleiros andantes do ruído e da extravagância, antes de irem desfeitear as piruetas de Elvis Presley à própria América, foram pobres e humildes servidores do jazz no clube da Caverna de Liverpul, onde nunca adivinharam os triunfos que o folso mundo da glória tão generosamente lhes ofereceria. E quando o triunfo tem por base a modéstia e por molde a surpresa, torna-se não só mais sabroso como mais simpático.

Compreendo ainda que a presença no palco de quatro rapazes novos, alegres, comunicativos e esfuziantes, irradie através da comunicabilidade dos seus ritmos e da sua música um tanto de boa disposição, uma certa mensagem de alegria ou mesmo uma euforia contagiante de bem-estar e de descarga emocional, remédios salutares para uma neurose colectiva que a complicada vida moderna vai criando.

Mas sempre me pareceu que deve haver um limite racional para todas as extravagâncias, uma medida de decência para todas as manifestações colectivas e uma norma ra-

zível mesmo para os delírios da adolescência. E, não há dúvida alguma, todos os limites têm sido transpostos, todas as medidas transbordadas e todas as normas ultrapassadas no caso dos «Beatles» (como aliás, noutros casos similares): o entusiasmo atingiu o paroxismo, o delírio assumiu proporções de loucura e as comportas da decência foram forçadas pela torrente do escândalo.

Como se há-de explicar o fenómeno? Resultado directo da música que tocam e cantam os quatro mosqueiros de melenas sobre os olhos? Mas aquilo não é música: é guincharia, é berreiro, é matraquear descompassado e barulhento. Aquilo não tem melodia nem harmonia. É uma orgia de ritmos desordenados e de uivos esgançados.

Se se chama música, é por falta de termo que exprima ao mesmo tempo o caos e a desarmonia, a indisciplina rítmica e a degradação da melodia.

Será a influência anímica dos ritmos selvagens, uma espécie de mensagem de primitivismo da velha arte dos índios que acaso encontre receptividade no inconsciente das gerações modernas? Mas nem isso. No primitivismo musical há assomos de humanidade e apontamentos de beleza que faltam por completo neste bombardeamento de sons e nestes trejeitos de epiléticos.

O fenómeno é, pois, de outra ordem e interessa menos aos musicólogos do que aos pedagogos e sociólogos, aos médicos e até aos políticos.

Trata-se dum sintoma de irreverência juvenil por tudo o que possa ser apodado de passadismo e de rebeldia da juventude contra a armadura moral que os tempos de hoje lhe oferecem para defesa da sua espiritualidade e dignidade.

(Continua na quarta página)

## NA ASSEMBLEIA NACIONAL

### Em defesa do ARTESANATO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Quanto à divulgação do nosso artesanato no estrangeiro, um aceno da maior simpatia tem de ser dirigido ao Fundo de Fomento de Exportação pela obra meritória que tem realizado. São disso concludente prova algumas exposições de ensaio levadas a efeito em Feiras Internacionais na França, Inglaterra, Estados Unidos da América, Alemanha, Bélgica, Suécia, Suíça, Austrália, Itália, Canadá e Brasil e as «semanas portuguesas» organizadas em grandes armazéns de Paris, Bruxelas, Lausanne e Londres, que permitiram revelar ser fácil a colocação de vários tipos de produtos artesanais, chegando até a dar-se nessas «semanas portuguesas» a que aludi, o facto significativo de os «stoks» previamente calculados para oito dias, terem sido de tal maneira disputados pelo público que a sua venda total se operou em 1 ou 2 dias.

Como li numa publicação do Fundo de Fomento de Exportação, «há que fazer apelo ao patriotismo de todos os jornais portugueses, seja qual for a sua tiragem e expansão, para que insistam repetidas vezes, junto dos seus leitores, que concorram para o engrandecimento do Artesanato Português, com-

— factor importante  
para o desenvolvimento  
e valorização

do Turismo

Oportuna intervenção do DEPUTADO JOAQUIM NUNES DE OLIVEIRA

prando peças artesanais representativas da Arte Rural portuguesa». «Há que fazer igual apelo aos proprietários e gerentes de Hotéis, Restaurantes, Bares, Casas de Chá, Lojas de Modas, Livrarias, Teatros, Cinemas, Escolas, etc., para que exibam em lugares de destaque, cerâmicas, vidros, pratos, filigranas, cobbres e ferros trabalhados, mantas, tecidos, bordados, etc.»

Não resta dúvida de que ao observarem essas exposições em Hotéis, Restaurantes, etc., as pessoas passam a ter interesse em visitar as terras que produzem esse Artesanato.

(Continua na segunda página)

## SEMANA MAIOR

SEMANA SANTA,  
Semana Maior, Tríduo da Esperança  
e da Ressurreição.

A nós — que vimos Cristo  
Ressuscitado — não nos apavora a  
Treva, não nos alucina a Morte.

Atónitos, assistimos, no meio  
da turba ignara, ao ultrage da Justiça  
nos sinédrios do mundo, à cobardia  
dos Pilatos da História, às traições de  
Escariotes que sobrevivem ao próprio  
Judás suspenso...

Um Amor mais vivo, a cada  
Paixão que se renova, nos agrega à  
Ceia íntima do Senhor.

A Fé do Centurião nos impulsiona  
a aclamá-lo sobre os ecos do  
«Crucifigatur!»

No meio da treva caliginosa  
do Ódio e da Mentira, uma Esperança  
iluminada nos abre os olhos ansiosos  
para a madrugada da Ressurreição.

Nós cremos.

Nós esperamos.

Nós proclamamos a ALELUIA!

## Problema nosso e de Nosso Senhor

Os Grandes Benfeitores da Humanidade

NÃO só do púlpito os sacerdotes e religiosos ensinam o amor. Mas, fiéis à doutrina e exemplo do Divino Mestre, são também exímios em pôr por obra aquilo que ensinam por palavras. Logo nos primeiros tempos do Cristianismo, afirma S. Justino, as ofertas recolhidas ao Ofertório da Missa eram destinadas ao altar e sustentação dos sacerdotes, mas tudo o que sobrava ia direito aos pobres e viúvas; aos enfermos que nem podiam vir à Igreja e aos encarcerados por causa da Religião ou de outros motivos.

Uns 300 anos após a fundação da Igreja já o malvado Imperador Juliano Apóstata lhe invejava os hospitais e arguia os seus pagãos, escrevendo numa carta ao Pontífice idólatra Arcésio: «Seria vergonhoso, quando entre os judeus não há mendigos e enquanto os ímpios cristãos aliviam não só os pobres deles mas também os nossos, que estes últimos ficassem privados dos socorros que nós lhe devemos».

Depois, as residências de muitos bispos iam-se tornando refúgios de todas as misérrimas. De Santo Eloi, bispo de Noyon, por exemplo, diziam os historiadores que não era preciso indicar aos estrangeiros a morada episcopal; pois a multidão de pedintes que iam e vinham a indicavam mesmo de longe a toda a gente.

E o grande S. Gregório de Tours assim lamenta as vítimas feitas por uma terrível epidemia entre os pequenitos do seu asilo: «Nós perdemos rapazinhos que nos eram familiares e queridos; que nós tínhamos acautelado ao nosso coração, trazido ao colo e alimentado com as nossas próprias mãos»...

Era tal a solicitude do Clero pelos necessitados, que o concílio de Aix la Chapelle, em 817, mandava a todos os bispos que mantivessem um hospício para os indigentes

(Continua na quarta página)

# UNIDADE

ESTADO não é o mesmo que Povo, nem Povo ou Estado, o mesmo que Nação. Respeitam a Nação, o Povo e o Estado a um número mais ou menos elevado de indivíduos que se organizaram em sociedade, mas Estado, Povo e Nação, à sociedade organizada, sob um aspecto particular e bem determinado.

É sempre uma identidade de interesses materiais ou de natureza espiritual o que leva os homens a unirem-se desta maneira.

Quando os «animais sociais», tal como Aristóteles os apelidou, reconheceram imprescindível a sua união para o bem estar material e o progresso económico, eles se juntaram na Sociedade, vulgarmente assim chamada. Quando alguns dos descendentes do «homem de barro» creram em sociedades isoladas da sociedade por excelência, como em meio para mais alta elevação espiritual, organizaram-se em sociedades especiais, de que são típico exemplo as comunidades religiosas. Por fim, é ainda o interesse espiritual que faz também viver os homens na grande sociedade, pois, no sobrenatural, algo há que lhes diga que todos têm a desempenhar-se de determinada função social.

Quando, na Sociedade, surge um número elevado de indivíduos entre os quais existe uma unidade de crença num destino histórico comum, aparece a Nação, por vezes fortalecida pela unidade geográfica, linguística, da raça e da tradição, tudo fazendo sentir a esses indivíduos as mesmas necessidades, os mesmos interesses e aspirações, ao que se chama «consciência nacional».

Esta unidade sente-se, por vezes, abalada na agitação que os maus políticos motivam.

Compreender-se-á, pela desigualdade das inteligências, o desacordo de alguém com este ou com aquele modo de ver ou actuar politicamente. O que não deve também ter-se à margem é que, em todo o momento, o interesse da Nação sobrepuja o dos indivíduos, devendo esse reconhecimento ser tanto mais nítido quanto mais crítica a hora que atravessa a comunidade nacional.

Os cidadãos devem obediência às determinações superiores das autoridades legítimas. Invoco o exemplo de Platão, que morreu livremente, sujeitando-se a uma condenação injusta, de que poderia facilmente ter-se libertado. Ao expirar, dizia: «devemos obedecer às leis ainda que injustas».

RAUL FORTE DA SILVEIRA

## A intervenção do deputado brasileiro Dr. Eurípedes Cardoso de Meneses

### NO PARLAMENTO de Brasília

Um telegrama da Agência ANI dá conta da intervenção do ilustre deputado federal, que afirmou no Parlamento:

**P**ORTUGAL tem razão, a sua política ultramarina é a mais justa, a mais humana, a mais cristã — sublinhou Eurípedes Cardoso de Meneses, que comentava a série de incidentes, de lutas, de golpes de Estado e de actividades terroristas que se estão a registar na África. E prosseguiu:

Não é absurdo, senhores deputados, que essas tribos semi-selvagens, prematuramente transformadas em nações independentes, tenham assento na O. N. U., em igualdade de condições com tantas nações verdadeiramente civilizadas da Europa e da América?

E não é estranho que o sr. U Thant, Secretário-Geral da O. N. U. ainda não se tenha disposto a atender ao convite que, reiteradamente lhe tem feito o Governo de Lisboa, para que visite e constate com os seus próprios olhos o que se passa na África portuguesa?

Atendem para esses factos os integrantes da nossa delegação na O. N. U. factos que comprovam a sociedade que Portugal tem razão, que a sua política ultramarina é a mais acertada, a mais justa, a mais humana, a mais cristã. Negá-lo é demonstrar a mais deslavada má-fé ou supina ignorância.

# Problemas Rurais

## Tratados numa reunião da FEDERAÇÃO DAS CASAS DO POVO

Realizou-se ontem, sexta-feira, na sede desta Federação uma reunião dos dirigentes da mesma com alguns dirigentes de Casas do Povo federadas, com vista a estudar alguns dos mais prementes problemas do trabalhador rural e do lavrador do Minho e a pedir ao Governo, por intermédio da Corporação da Lavoura, a sua imediata resolução.

Presidiu aos trabalhos o Sr. Eng.º José Pinto de Oliveira, Presidente da Direcção da Federação, estando presentes os Srs. Drs. Agostinho Guimarães Pestana, Delegado Distrital do I.N.T.P.

Depois de um animado debate entre todos os participantes nesta reunião e no qual foram focados com a máxima objectividade alguns dos problemas que a Lavoura só por si não pode resolver e referidas também determinadas anomalias a que importa pôr termo concluiu-se que é urgente e imprescindível:

1.º — Que se elabore um planeamento económico-social, a níveis nacional e regional, como base imprescindível de orientação da actividade agrícola.

2.º — Que se crie um prático e eficiente financiamento da empresa agrícola por crédito a prazo médio e juro módico, com a finalidade de melhor aproveitamento não só mecânico como um completo repovoamento pecuário.

3.º — Que se criem «Explorações-Piloto» em todas as áreas de todas as Casas do Povo, com assistência técnica gratuita dos vários Serviços Oficiais, com a finalidade de serem centros de divulgação e aprendizagem da técnica agrícola.

Estas explorações-piloto serviriam também para que o trabalhador-aluno dos cursos complementares de aprendizagem agrícola tivessem a possibilidade de concretizar os seus conhecimentos teóricos, e serviriam ainda para que nelas existisse uma garagem com máquinas agrícolas, funcionando como sub-secção de parque de máquinas concebido que também deve ser criado rapidamente nos Grémios da Lavoura e para o que estes Organismos têm de beneficiar das necessárias e convenientes facilidades.

4.º — Que se crie com a possível urgência, o Ministério da Agricultura.

5.º — Que seja revista a estrutura das Casas do Povo não só no sentido do aperfeiçoamento de alguns aspectos do sistema, designadamente o do seu financiamento como, inclusivé, no de passar a exprimir orgânicamente o princípio de que, a todos os componentes da comunidade se deve reconhecer a facultade de participar activamente na vida e desenvolvimento do centro de cooperação social que, por determinação, a Casa do Povo é.

6.º — Que se crie uma pensão de invalidez para o trabalhador rural em substituição do actual subsídio de invalidez, o que implica uma remuneração média condigna e a fixação de salários mínimos para cada região.

7.º — Que se tornem urgentemente extensivos aos trabalhadores rurais todos os benefícios de que gozam os trabalhadores do Comércio e da Indústria, nomeadamente o abono de família.

8.º — Que se criem Escolas Agrícolas Elementares como meio de formar chefes rurais e promover a subida de nível humano de todos os agricultores e ainda com o fim de preparar chefes de empresas agrícolas progressivas e não tantos funcionários públicos.

Os dirigentes reunidos consideraram ainda outros aspectos da actual situação do trabalhador do campo, mas entenderam que as questões urgentes que têm de ser resolvidas e cuja solução está para além do esforço próprio que a Lavoura tem de fazer para encontrar um rumo conveniente de progresso e valorização, são — como principais — as enumeradas nos oito pontos anteriores.

Para além disso, os dirigentes reunidos concordaram ainda em:

1.º — Dar como inteiramente reproduzidas e consideradas actuais todas as conclusões da I Semana Rural do Minho que inteiramente perfilham.

2.º — Promover que as Casas do Povo procurem desde já dar todo o seu apoio e interesse ao cumprimento de determinadas conclusões daquela I Semana Rural do Mi-

inho cuja execução depende apenas do seu trabalho. Neste sentido focou-se especialmente a necessidade de colaboração com outras Entidades e Organismos — designadamente os Grémios da Lavoura — o esclarecimento e mentalização dos seus associados através da divulgação de publicações e da promoção de colóquios ou palestras, o fomento da criação de cooperativas, a criação de «Casas de Lavoura», etc.

3.º — Promover imediatamente, através da Federação, o estudo de execução de seguros colectivos de trabalho a acordar entre as Casas do Povo e as Companhias interessadas, de modo a cobrir os riscos de doença, internamento e tratamento hospitalares, invalidez temporária ou permanente e morte, provocados por acidentes de trabalho rural.

A terminar a reunião que durou 5 horas, o Sr. Delegado do I.N.T.P. congratulou-se pela elevação e objectividade com que os trabalhos decorreram, felicitou a Federação das Casas do Povo pela acção que estava a desenvolver e prometeu todo o seu apoio junto do Ministério que ali representava para que, tanto nele como nos outros de quem dependia o atendimento dos pedidos feitos, eles tivessem o melhor e mais pronto acolhimento.

## Cumprimentos ao Governador Civil

Finda a importante reunião, os seus participantes, acompanhados pelo sr. dr. Agostinho Guimarães Pestana, pelo Assistente da Junta Central das Casas do Povo, dr. Artur Anselmo, e por funcionários da Delegação do I.N.T.P., foram ao Governo Civil apresentar cumprimentos ao sr. dr. Francisco Pessoa Monteiro.

No uso da palavra, o sr. eng.º José Pinto de Oliveira saudou o Chefe do Distrito, a quem agradeceu a excelente colaboração prestada à Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga e o apoio que sempre tem dado às suas iniciativas, salientando, depois, o seu carinhoso interesse por tudo quanto possa concorrer para a valorização das gentes do campo. E, a propósito, acentuou os esforços feitos pelo Chefe do Distrito junto da Fundação Gulbenkian no sentido de ser enviada para o nosso distrito uma brigada de técnicos para realizar um estudo monográfico, diligências que foram coroadas de êxito e que — disse — muito contribuirão, como ficou bem patente nas conclusões da I Semana Rural do Minho, para o desenvolvimento económico da agricultura.

O sr. Governador Civil agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, fez judiciosas considerações sobre alguns problemas que afligem a lavoura e referiu a necessidade de se trabalhar, num esforço conjunto, no sentido de os tentar resolver.

A terminar, o Chefe do Distrito enalteceu a acção desenvolvida pela Federação das Casas do Povo e referiu os esforços feitos pelo ilustre Ministro das Corporações para que o seguro social seja estendido aos trabalhadores rurais, como é de justiça, esforços que se espera — afirmou — venham a ter ainda este ano a conveniente solução.

# SOCIEDADE

## ANIVERSÁRIOS

Quinta-feira, 26

Eng.º Manuel Martins da Silva Correia, Mário Campos Henriques e Menino Paulo Alexandre Bandeira e Silva.

Sexta-feira, 27

D. Luíza Filipa Areal Rothes e Menino Rui Manuel Matos da Silva Correia.

Sábado, 28

D. Maria de Lurdes Miranda da Silva Teixeira, José Augusto Vasconcelos Soucasaux, Menino Fernando Manuel Monteiro da Silva Correia e Menino Rui Fernando de Oliveira Lemos.

Domingo, 29

Dr. António Cândido Viana de Queirós, Artur Emilio Pereira Rodrigues Moreira e José Horta Carneiro.

Segunda-feira, 30

Menina Maria Manuela Monteiro Dantas e Menina Rosa Maria Quinta e Costa Carvalho Araújo.

Terça-feira, 31

D. Maria Elvira Matos Viana Lopes.

Quarta-feira, 1 de Abril

Eng.º Jorge Maciel Barreto de Faria, D. Maria Elisa da Silva Perestrelo, Menino Raúl Décio Ferreira Nunes e Custódio Lopes Rodrigues.

3000

Garrafas de Champanhe a 3\$50

— Vende a CASA ÁGUIA

Telefone 82445 — BARCELOS

# EM DEFESA DO ARTESANATO

— factor importante para o desenvolvimento e valorização do Turismo

(Continuação da primeira página)

Um apelo mais desejo acrescentar a estes, mas agora dirigido ao Governo para que não se faça esperar a protecção devida e que consistirá na criação de órgãos que, à escala nacional e regional, se ocupem do Artesanato.

Temos falado essencialmente do artesanato tradicional e regional, pelo que nos vamos referir, embora sucintamente, ao artesanato já demasiadamente industrializado.

A industrialização que conduz ao «fábrica em série», se tem o seu lugar próprio e que ninguém pretende discutir, é em muitos casos o golpe fatal no artesanato da «Arte Rural», que mais se agrava quando envereda pela imitação do artesanato congénere estrangeiro. Cada qual deverá situar-se na sua específica posição, até porque o «fábrica em série» tem e terá sempre o seu mercado próprio. É o caso, por exemplo, das obras de prata e filigranas, vidros, porcelanas, cerâmicas, bordados da Madeira, etc., embora em relação a algumas, as empresas de tipo mais ou menos industrial sejam em número reduzido.

Seja-me permitido agora por uma razão bem compreensível que vos fale do Distrito que aqui represento, e isto por entender que ele deverá ocupar por direito e sem favor um lugar cimeiro e inequívoco da maior importância no Turismo Nacional.

Não se pode dissertar sobre artesanato, com o risco de se cometer um grave pecado de omissão, sem referir imediatamente o concelho de Barcelos — o maior dos concelhos do Distrito e o maior de Portugal em número de freguesias, com a bonita soma de 89.

Centro artesanal dos mais característicos e já com renome internacional através dos seus inconfundíveis galos de barro, encontramos disseminados pelo seu vasto concelho diversos tipos de artesanato, alguns lamentavelmente adormecidos e que é preciso fazer renascer. Dentre todos sobressai, com justificado orgulho dos barcelenses, o fabrico da louça e bonecos de barro, tão conhe-

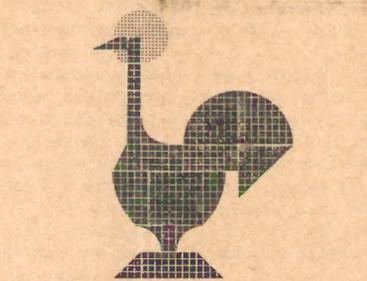
cida e procurada; as rendas de crivo; a curiosa feclagem caseira; os belos jugos do mais elevado sentido artístico, etc., etc.

Justo é pôr em relevo o carinho com que a Câmara Municipal e o Grémio do Comércio têm procurado valorizar o artesanato local, impedindo a sua degenerescência. Há em vista o Museu de Cerâmica Regional, inaugurado em Maio de 1963, por ocasião das tradicionais Festas das Cruzes, com a presença do ilustre Secretário Nacional da Informação, dr. César Moreira Baptista. A Câmara Municipal se fica devendo esta iniciativa, embora essa realização só fosse possível graças ao bairrismo e ao espírito de compreensão de alguns barcelenses que generosamente ofereceram colecções valiosas, a par de outras aquisições feitas directamente aos artesãos. Na organização do Museu e na selecção das diferentes peças colaborou um delegado do SNJ, com uma devoção e um entusiasmo que muito nos apraz registar.

Possui também o Grémio do Comércio uma colecção de Artesanato, donde já chegaram a ser cedidos algumas peças para figurarem em várias exposições, entre as quais me lembro de uma realizada em Hamburgo.

Têm sido ainda de uma eficiência digna do maior louvor as exposições artesanais levadas a efeito, sob o patrocínio da Câmara Municipal e organização do Grémio do Comércio, durante as Festas das Cruzes, que todos os anos se realizam nos primeiros dias do mês de Maio, e como consequência disso é de assinalar a participação com 14 «stands» na Feira Popular do Porto, no ano de 1962, a convite do Governador Civil do Porto, presença que interessou vivamente o público que teve a feliz oportunidade de observar a execução de muitos trabalhos dos 18 artesãos que aí actuavam diariamente. Durou essa exposição 4 meses, tantos como a Feira Popular, tendo sido esta visitada por cerca de 500 mil pessoas.

Pode afirmar-se que muito têm contribuído estas manifestações públicas para o conhecimento e divulgação do artesanato, com as ineren-



tes repercussões no volume das encomendas, que excederam de longe a capacidade de produção. Pecaram, quanto a nós, estas exposições por falta de coordenação, no sentido de dissociar a mistura do verdadeiro e do «falso» artesanato. Mas essas louváveis iniciativas, que têm merecido o melhor estímulo do Fundo de Fomento de Exportação e do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, constituíram uma preciosa experiência para aquelas que irão seguir-se. E já não faltam dois meses para que possamos assistir em Barcelos a nova exposição artesanal, que obedecerá, estou certo, à directriz que venho defendendo: a dissociação, repito, da autêntica «Arte Rural», do artesanato industrializado para «fábrica em série», com condenáveis imitações até de artesanato estrangeiro.

Mas não ficam só por aqui as actividades artesanais do Distrito, porquanto merecem ainda uma palavra de simpatia e a indispensável protecção os bordados de linho e algodão de Guimarães; as mantas tão características de Cabeceiras de Basto e de Vieira do Minho e as interessantes e delicadas filigranas da Póvoa de Lanhoso.

Sei que na Junta Distrital de Braga se trabalha activamente no sentido da organização de um Museu onde será integrado o Museu Etnográfico Regional, tendo sido já adquirido um bellissimo solar, pelo que se evitará a perda de muitos exemplares extremamente interessantes que existem pelo Distrito, e se fará renascer muitos aspectos do artesanato da região.

(Continua)

# Correia & Irmãos, Limitada

Por escritura de 2 de Março de 1964, lavrada a fls. 28 v.º, do livro n.º 20 do 1.º cartório notarial de Barcelos, foi constituída esta sociedade por cotas, entre José Pereira da Silva Correia; Manuel Arménio Pereira da Silva Correia, casados e Doutora Maria Angelina Pereira da Silva Correia, solteira, maior, todos residentes nesta cidade, a qual se regerá pelas cláusulas seguintes:

1.ª — A sociedade adopta a firma «Correia & Irmãos, Limitada», tem a sua sede nesta cidade, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

2.ª — O seu objecto é o exercício do comércio de fazendas brancas e lanifícios, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria, permitido por lei;

3.ª — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cento e cinquenta mil escudos, dividido em três cotas de cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios;

§ único — Não são exigíveis prestações suplementares; mas os sócios poderão fazer à sociedade suprlimentos, nas condições que forem estipuladas;

4.ª — A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a todos os sócios, que ficam, desde já, nomeados gerentes, com dispensa de caução e sem retribuição;

§ 1.º — Para que a sociedade fique obrigada é necessário que os respectivos actos e contratos sejam assinados por dois sócios-gerentes. Porém, os documentos de mero expediente podem ser assinados só por um sócio-gerente;

§ 2.º — A sociedade não poderá ser envolvida em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer outros negócios estranhos aos sociais;

5.ª — A divisão e cessão de cotas ou de partes de cotas é livremente permitida entre os sócios, seus cônjuges e descendentes. Porém, a cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, que poderá exercer o direito de preferência;

6.ª — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, com antecedência de, pelo menos, oito dias;

7.ª — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com o representante do interdito ou com os herdeiros e cônjuge do sócio falecido, desde que aquele e estes assim o comuniquem à sociedade, no prazo de trinta dias, a contar do óbito ou do trânsito em julgado da sentença de interdição, e convenham em que um a todos represente dentro da sociedade. Se não fizerem esta declaração e escolha no prazo acima estabelecido a sociedade amortizará a respectiva cota;

8.ª — Os balanços fechar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano. Os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas. Da mesma forma serão suportados os prejuízos, havendo-os.»

Barcelos, 10 de Março de 1964.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

JOÃO ALVES DE FARIA

## De SILVEIROS

### Procissão de Passos

Realizou-se no dia 22, nesta freguesia, a majestosa Procissão dos Passos, que era aguardada com justificado interesse por parte da população local e das freguesias vizinhas.

Com a recente aquisição de todas as alfaias necessárias à organização de procissões do género, pretende-se que tão deslumbrante acontecimento se efectue anualmente entre nós. Oxalá sejam frutuosa os esforços que nesse sentido vem desenvolvendo a Comissão promotora, à frente da qual estão verdadeiras dedicações, com que a nossa terra pode contar incondicionalmente, seja para o que for.

Na aludida procissão tomou parte uma excelente Banda de Música e riquíssimo figurado.

### Falecimentos

No passado dia 24 do mês findo faleceu nesta localidade o nosso saudoso amigo, Sr. João Gonçalves da Costa, casado de 79 anos de idade, natural da vizinha freguesia de Carvalhão, mas residente em Silveiros há muitos anos.

— Na manhã do dia seguinte, e quase em frente à residência daquele querido extinto, faleceu a Sr.ª Margarida Santos de Azevedo, solteira, de 37 anos de idade, que de há meses se vinha debatendo com pertinaz enfermidade.

A ambas as Famílias doridas, os nossos sentidos pêsames.

— Também pelas 5 horas da manhã do dia 4 do corrente, no «Casal do Ribeiro» desta localidade, faleceu, confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, a Ex.ª Sr.ª D. Joaquina Carvalho de Miranda Campelo, de 89 anos, viúva do inesquecível lavrador local, Sr. José de Araújo Campelo, falecido já em 22 de Dezembro de 1915.

A saudosa extinta, até à recente crise que em breves dias a vitimou, sempre manteve admirável lucidez, recordando com vivacidade factos ocorridos na vida nacional e figuras desaparecidas há mais de 70 anos.

Nascida nesta freguesia aos 31 de Janeiro de 1875, D. Joaquina Carvalho de Miranda consorciou-se em 1897 com o já aludido e chorado, Sr. José de Araújo Campelo, que foi no seu tempo um dos homens mais destacados no nosso meio. Foi mãe amantíssima dos Ex.ªs Sr. Joaquim Miranda Campelo, considerado Presidente da Junta local, D. Maria Miranda Campelo, Francisco Miranda Campelo, D. Miquelina Miranda Campelo, e António da Silva Campelo, todos estimados proprietários nesta freguesia; sogra das Ex.ªs Senhoras D. Beatriz Cardoso de Faria Campelo, D. Amélia da Silva Oliveira, D. Miquelina da Costa Faria, e dos Snrs. Adolfo de Carvalho, já falecido, e António Araújo Miranda. Era ainda avó dos estimados e nossos ilustres amigos, Snrs. Domingos, Marçal e Joaquim Fernandes Campelo; D. Maria de Fátima, menina Maria Alzira e José Cardoso Campelo; Maria Cecília Campelo de Carvalho; Joaquim Honorato e Aníbal Miranda Campelo, guarda-livros e funcionário bancário, respectivamente; dos irmãos, Joaquim, Manuel e Idalina Cândida de Araújo Miranda e das meninas, Carolina Beatriz, Delminda, Fernanda, Maria do Céu, Maria de Lurdes e Maria de Fátima, bem como do menino António da Costa Campelo.

O funeral, a cargo da «Fenerária de Silveiros» efectuou-se pelas 10h. do dia 5 da residência da extinta para a nossa Igreja Matriz, onde tiveram lugar solenes exéquias, seguindo depois para o Cemitério Paroquial, onde a urna contendo os restos mortais da querida finada ficaram

Alumínio ondulado austríaco  
próprio para coberturas

IMPORTADORES DIRECTOS

# METAIS ALMADA

Manuel Teixeira Prata & C.a

RUA DO ALMADA, 395—PORTO

# radiadores

FABRICO E CONSRTO DE TODOS OS SISTEMAS

# Fábrica LANDOLT

A mais antiga do País

Avenida Camilo—144

PORTO

CONHEÇA PORTUGAL LENDO O LIVRO

## Minho — cartaz típico

(prosa e verso) — 190 págs. ilustrado, capa colorida

de Manuel Celso da Silva Cunha

(à venda nas melhores LIVRARIAS do Continente e Ilhas)



## COMUNICADO

AO EX.º CONSUMIDOR

da Pasta Dentrífica PROFILAN

Não DESTRUA a embalagem da sua PASTA A ou B, média ou gigante!

OFEREÇA - A

a uma OBRA ou INSTITUIÇÃO DE CARIDADE da sua simpatia!  
Cada uma VALERÁ \$50, para OS MUITOS QUE PRECISAM DE SI!

Fique anónimo... será mais digno!

Há vários adubos bons, mas o

## Nitrolusal e Nitrato de Cálcio

de NITRATOS DE PORTUGAL, S. A. R. L. são, sem dúvida, dos melhores. Peça-os ao seu fornecedor.

## «Coisas que o Lavrador não deve ignorar»

Por MANUEL HENRIQUE MOREIRA

(Médico Veterinário)

### «Rasto de Bicho»

Aparece, com bastante frequência, um estado sidrónico nos animais, sobretudo nas épocas de chuvas e geadas que não se considera uma doença propriamente dita, mas sim um conjunto de sintomas objectivos que por vezes, quando não tratados a tempo, têm como consequência inevitável, a morte do animal.

São os bovinos que maior tributo pagam a este síndrome.

Os nossos lavradores, de uma maneira geral, ainda arreigados áqueles velhos princípios dos curandeiros, intitulam-no como «rasto de bicho» e a terapêutica indicada é uma sangria na base da língua que julgam o suficiente para o desaparecimento total dos sintomas alarmantes que o animal apresenta. Esta sangria porém, pouco ou nada faz ou por outra, pode fazer muito, pois a incisão feita na língua não é mais do que uma porta aberta para uma infecção e sobretudo na cavidade bucal que é um meio rico em bactérias. Assim o animal corre o risco de se poder curar do tal «rasto de bicho», e sucumbir na presença de uma septicémia fulminante.

Ora este estado não é mais do que uma indigestão gasosa de várias proveniências sendo as principais a ingestão de alimentos facilmente fermentescíveis, molhados ou cobertos de geada...

Por isso, não está indicado apascentar os animais nas manhãs frias sobretudo quando os campos se encontram cobertos de geada, autênticos mantos brancos que por vezes nem deixam ver a própria crva. Esta encontra-se portanto molhada e no estômago dos animais, fermenta dando origem à dilatação do ventre, algumas vezes dos dois lados, inapetência, retenção de urinas e fezes, cansaço e por vezes os animais deitam-se para jamais se levantarem. Como deve agir o lavrador nestas circunstâncias?

Se porventura a dilatação do ventre, é relativamente pouco pronunciada, sendo este, apenas o único sintoma, está indicado passear o animal e dar-lhe uma garrafada de água fervida com sal limpo e esfregar o ventre, ao «rodopelo», com um pedaço de palha. No caso de não dar resultado e aparecerem mais sintomas alarmantes, o único caminho a seguir é chamar um técnico porque este se verificar que a terapêutica adequada não dá o efeito desejado, pode o animal ser abatido, para consumo, sem prejuizo para a saúde pública, pois como disse atrás, não se trata de uma doença infecciosa, e assim, o prejuizo é muito menor.

Aconselho, nestas circunstâncias, o lavrador a dar o penso seco, de um dia para o outro, bem espalhado, porque se o deixam a monte a seca é apenas aparente, visto no meio a humidade persistir e o «Rasto do Bicho» fazer a sua aparição.

Julgo com esta desprezenciosa prosa, mais ou menos ao alcance de todos, que foi essa a minha intenção, ter levado ao conhecimento do lavrador este terrível estado que tantas cabeças dizima.

## A NOSSA AGENDA

### Imposto de Capitais — Secção A

Avisam-se os contribuintes interessados que aquele imposto, referente ao ano de 1964, deve ser pago, na Tesouraria da Fazenda Pública, por uma só vez, durante o mês de Abril próximo.

Passado este prazo, poderão ainda fazer o seu pagamento, acrescido dos respectivos juros de mora, nos 60 dias seguintes, sob pena de relaxe.

N. B. — A pedido da Secção de Finanças.

depositadas em jazigo de Família.

Muitas e muitas centenas de pessoas de todas as condições sociais, confrarias, deputações dos Bombeiros de Barcelos e de Barcelinhos com os seus comandos, numa demonstração inequívoca do prestígio de que goza a Ex.ª família tomaram parte no extensíssimo cortejo fúnebre, sendo a urna transportada num pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

Conduziu a chave o Ex.º Sr. Joaquim Miranda Campelo.

A toda a Família dorida, o nosso cartão de sentidas condolências.

— Na manhã de terça-feira seguinte, celebraram-se ternos de missas de sufrágio pela alma da chorada extinta, comemorando a passagem do 7.º dia do seu passamento, fazendo a Ex.ª Família distribuir uma esmola aos pobres da freguesia.

### Doente

Não melhorou, infelizmente, o estado de saúde da sr.ª Maria Gonçalves da Costa (Esteves), do Lugar da Boucinha.

Rogamos a Deus pelas suas rápidas melhoras

### Aniversários

Celebrou mais um aniversário natalício, o nosso estimado amigo sr. Mário Pereira de Miranda, abastado proprietário desta freguesia.

— Também comemorou mais uma data natalícia a menina Maria Cândida da Costa Esteves, académica da Escola Industrial e Comercial de Famalicão.

Ad multos annos!...

N. R. — Por falta de espaço, não pôde ser publicado, no número anterior, este noticiário de Silveiros, do que pedimos desculpa ao nosso correspondente.

## LABORATÓRIO DE ANÁLISES

Dr.º Maria Fara Padin Brandão

Largo José Novais, 25 - 2.º BARCELOS Telefone 82614

# O Pão-de-Ló da Pastelaria Arantes

tem sido todos os anos

CONSIDERADO O MELHOR



Redacção e Administração:  
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras  
Rua Dr. Manuel Pais, 4—Telefone 82465  
BARCELOS

# Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Composição e impressão:  
EDITORA POVEIRA—Póvoa de Varzim  
Telefone 257  
Visado pela Censura

## PROBLEMA NOSSO

# e de *Nosso Senhor*

## OS GRANDES BENFEITORES DA HUMANIDADE

(CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

e enfermos, confiando a sua direcção a um Cônego e impondo a todos os clérigos a obrigação de para ele contribuírem com uma décima. Foi também estabelecido que as monjas organizassem hospícios para os homens e que elas próprias dentro do Convento cuidassem das senhoras indigentes e enfermas.

Como se vê, também os religiosos e religiosas faziam o que lhes era possível para aliviar as pobres populações, ignorantes de tudo e tantas vezes afligidas por epidemias e guerras de todos os géneros.

S. Bento, por exemplo, mandara aos seus frades que recolhessem e tratassem os hóspedes, sobretudo pobres, como se fosse o mesmo Jesus Cristo. Por isso cada convento tinha a sua hospedaria, onde eram recolhidos os que passavam e se distribuíam esmolas aos indigentes ou cuidados aos enfermos. Alguns conventos possuíam boas instalações para banhos de vapor e de água, ou para sangrias. E quase todos dispunham de um jardim de plantas medicinais para uso dos frades e do povo. Por isso, no dizer de um cronista da época, os miseráveis «afluíam aos conventos como as abelhas à colmeia».

Nos conventos de Cluny era cargo importante o do Padre Esmoleiro, encarregado de visitar os doentes das vizinhanças, velar que nada lhes faltasse e, se fosse neces-

sário, trazê-los para o hospício do convento, onde seriam cuidados pelo Padre Enfermeiro. Numa época de terrível carestia o Abade Odillon desfez-se até dos tesouros da igreja para poder valer ao necessitados.

Os conventos Cirtercienses, por sua vez, destinavam aos pobres a quarta parte dos seus rendimentos e o próprio Abade presidia à refeição dos hóspedes e pobres, sempre mais completa e bem cuidada que a dos monges.

E qualquer pessoa sabe que foram fundadas corporações religiosas para defender os povos cristãos, resgatar os captivos, instruírem os povos, etc. Além de outras, cujos membros seguem viagem à procura de populações bárbaras a fim de as socorrer, civilizar e trazer para Cristo, quando possível.

A nossa Pátria, entre outros heróis da Caridade como D. Fr. Bartolomeu dos Mártires e Padre Américo, deu ao mundo o grande S. João de Deus, fundador da Ordem Hospitaleira, que só Deus saberá quantos doentes tem socorrido.

Modernamente, sob a influência de S. Vicente de Paulo, começaram as freiras a dedicar-se ao auxílio do próximo, a tal ponto que hoje as encontramos com as crianças, os velhos, os pobres, os doentes, os leprosos. Onde, enfim, houver necessidades e necessidades, lá estão elas a compartilhar e aliviar tudo.

Quanto ao trabalho incomensurável dos missionários e missionárias, basta repetir as palavras que há tempos disse o Santo Padre: «As jovens nações da África devem às Missões quase tudo aquilo que de bom possuem»...

P. BENTO NOGUEIRA  
(Ordem Hosp. de S. João de Deus)

## Manuel Fernandes de Carvalho

### MISSA DO 30.º DIA

Sua Família, embora já tenha agradecido a todas as pessoas das suas relações e amizade, que por ocasião do falecimento do saudoso finado lhe apresentaram penhorantes provas de afecto e deferência, reaceando qualquer falta involuntária praticada, pede desculpa e mais uma vez expressa o seu reconhecimento.

Em sufrágio da sua alma e pelo seu eterno descanso, vai rezar-se a Missa do 30.º dia, na próxima segunda-feira, 30 de Março, pelas 9 horas, na igreja do Senhor da Cruz. Para este piedoso acto convida as pessoas amigas e desde já agradece com muito reconhecimento.

## Dactilógrafo

OFERECE-SE — Para trabalhar em teclado nacional. Carta à Redacção n.º 1.

## Nossa Senhora da Estrada

A Mocidade Portuguesa Feminina, numa feliz iniciativa, vem espalhando pelas estradas e caminhos de Portugal nichos com a Senhora, sob a invocação de Nossa Senhora da Estrada.

Em Barcelos, por iniciativa da Subdelegada da M. P. F., Ex.ma Sr.a D. Lúcia Miranda, e com a coadjuvação da dinâmica directora do Centro da Escola Comercial e Industrial e do Digníssimo Director da mesma, Dr. Mário Cerqueira Correia — que em tão breve tempo tanto vem fazendo em prol da educação da juventude — foi inaugurado há dias um lindo nicho de Nossa Senhora da Estrada, no aprazível local do Barracão na estrada de Espoende.

Estiveram presentes, além de muitas Senhoras da melhor elite barcelense, o Subdelegado da M. P. F., Dr. Manuel Henriques Moreira, Rev. os Prior de Barcelos, P.e Alfredo Rocha e P.e Abel, Professores e alunos da Escola e muitas pessoas.

O Rev. P.e Abel procedeu à bênção do nicho, que foi desceirado pela Ex.ma Delegada da M. P. F.

Proferiu algumas palavras alusivas ao acto, a Sr.a Dr.a D. Maria da Glória Pinheiro, que fez votos porque o nicho, ora inaugurado, e tantos outros espalhados pelas nossas estradas e caminhos, sirvam de luz a quantos tenham perdido a fé.

## Vamos falar dos «Beatles»

(Conclusão da primeira página)

Para a juventude dita moderna pouco ou nada contam conveniências sociais ou normas morais. Os valores espirituais são substituídos ou subvertidos pela ânsia de viver o momento presente, de mergulhar a sensibilidade no tumulto delirante, de amodorrar a consciência, de anestesiar o sentido das responsabilidades.

Esta fenomenologia juvenil atinge, por vezes, graus patológicos e é de sua natureza endémica.

Daí as inúmeras perturbações da ordem e da disciplina, daí os conhecidos extravios mentais e sentimentais, daí as espantosas cenas de histerismo colectivo, com seus reflexos de inconveniências, de despudor e de escândalo, que só esperam uma oportunidade, como a dos «Beatles», para desmancharem e ridicularizarem a velha cou-raça moral protectora dos bons costumes.

Eu bem sei que, felizmente, a juventude portuguesa ainda não embarcou, na sua maior parte, nesse oceano libertário e anti-tradicional. Mas não faltam já indícios duma mentalidade irreverente e indisciplinada nem se desconhece o pendor da adolescência para macaquear o figurino estrangeiro, por mais anti-português que se apresente.

Se a pedagogia compete mais prevenir do que remediar, sirva o triste exemplo que nos chega de além-fronteiras para defender a juventude nacional dos perigos dum modernismo exagerado e oco que perde em vez de actualizar...

## FALECIMENTOS

### D. Teresa Lopes Martins

Faleceu na sua residência em Cabreiros — Braga, em 10 do corrente, com a idade de 74 anos, D. Teresa Lopes Martins, senhora muito bondosa e excepcionalmente esmolera.

Era casada com o Sr. João de Azevedo Ferreira, proprietário, e mãe do Sr. Albino Ferreira Lopes, casado com a Sr.ª D. Adélia Gomes da Cunha Lopes. Tia muito estremosa de D. Felicidade e Srs. Feliciano e Gonzaga Lopes Gomes, D. Maria Rosinda, Maria Júlia, Maria Felisbina, Maria da Natividade e Clementino Joel Ferreira Lopes. Irmã da Sr.ª D. Maria da Conceição Lopes Gomes.

O funeral realizou-se no dia 12 com grande acompanhamento, tendo-se deslocado todo o pessoal da Fábrica «RALHA» onde seu filho é empregado superior.

### Manuel Gonçalves Fernandes

No dia 16 do corrente, faleceu nesta cidade o Sr. Manuel Gonçalves Fernandes (antigo G.N.R.), de 65 anos, casado com a senhora Mariana da Costa Maciel, pai das senhoras Maria dos Anjos, Maria Alice e Maria José e dos senhores José, Jorge e Cândido Augusto Maciel Fernandes.

O funeral realizou-se no dia seguinte da sua residência para o Cemitério Municipal.

As famílias enlutadas expressamos os nossos pêsames.

# CARTAZ DESPORTIVO

COMENTANDO...

Parafrazeando um dito muito divulgado de um Presidente, hemos que convir que só exigimos e pouco ou nada damos ao Clube Gil Vicente.

De muita forma e processo podemos contribuir, inclusive não atraíndo, que por si já é um modo de compreensão e contribuição, para os bons propósitos.

Daliônicos e despeitados, vaidosos e prosaicos, saudosistas e indiferentes, separatistas e divergentes, todos e conjuntamente, devem fazer uma aproximação em forma, no momento preciso, na hora H (justamente a hora presente), para o estímulo que carece, o contributo que necessita, porque o Clube de todos nós, por o seu historial e rica tradição, tem jus a um lugar cimeiro, para o qual denodada e esforçadamente temos que o guindar.

Conseguí-lo-emos?... Por nós tudo faremos para que esta apatia e desinteresse desolador acabe, e que a família gilista (somos tantos) se torne una e coesa, consentâneo com o valor do Clube e seus reais méritos. Altos voos e maior projecção no âmbito nacional havemos de conseguir, para que a nossa terra e o clube tenham uma ampla e merecida divulgação, criando uma onda de entusiasmo e possivelmente uma sensível melhoria no comércio local, porque o futebol ainda é um veículo electrizante e arrastador de gentes.

Vamos para a II Divisão Nacional, gilistas?!

## Camp. Nacional da III Divisão

RESULTADOS GERAIS  
ZONA A — 1.ª Série  
Gil Vicente-Vila Real, 6-0; Fafe-Bragança, 2-2; Chaves-Vizela, 3-2.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F	C	P
GIL VICENTE.	2	1	1	0	8	2	3
D. de Chaves	2	1	0	1	5	6	2
Bragança	2	0	2	0	4	4	2
Vizela	2	1	0	1	4	4	2
Vila Real	2	1	0	1	4	8	2
A. R. de Fafe	2	0	1	1	3	4	1

### Gil Vicente-Vila Real, 6-0

Jogo em Barcelos.

Árbitro: António Costa (Porto).

Grupos:

GIL VICENTE—Silva; Ferraz e Teixeira; Canário, Pablo e Vieira II; Vilar, Vieira I, Andrés, Mesquita e Raúl.

VILA REAL—Paulo (Alberto); Mário e Rogério; Morais, Miro e Platas;

Amaral, Padilha, Adriano, Avelino e Armando.

Ao intervalo: 3-0.

Marcadores: Raúl (4, 24 e 72 m.), Andrés (5 e 77 m.) e Vilar (89 m.).

Começaram os gilistas da melhor forma e cedo abriram o activo. Sempre dentro da mesma toada, a arma valiosa da antecipação, criaram os locais perigo constante para a baliza adversária, dan-

do-nos a certeza de que o grupo tem pernas e pulmões para os 90 minutos. Rodeou-se esta partida de lances bem estruturados e fulgurantes, com uma linha dianteira a merecer nota alta, de resto toda a equipa a teve, sobressaindo o dinâmico e azogado Raúl, que fez uma partida excepcional, acompanhado de perto pelo «veterano» Canário que foi primoroso na entrega. Note-se a subida de forma de Vieira II e de Mesquita, a certeza dum Pablo, a maestria dum Vieira I, o pendular Teixeira, o sempre precioso Ferraz, o irrequietismo de Andrés (ainda não atingiu o seu melhor) e a praticabilidade de Vilar com bem medidos centros. Silva, o jovem guardião, não foi muito experimentado, mas temos a certeza que corresponderá, quando for solicitado, pela sua forma elástica, tigrina e ousada.

O Vila Real, equipa de forte compleição física, nada pôde contra a inspiração gilista. Foi um jogo avassalador, em turbilhão, mas pensadamente. Cremos que todos cumpriram com as instruções recebidas do responsável e o resultado está bem patente.

O visitante, em pormenores de jogo, mostrou que sabe jogar e vai dar que falar neste Campeonato. O score, por expressivo, talvez dê a ilusão que tudo foi fácil, mas nada mais enganoso, porquanto o grande culpado foi o Gil Vicente que esteve irresistível.

## Chave do TOTOBOLA

O nosso prognóstico para Domingo:

EQUIPAS	1	X	2
Benfica — Sporting		x	
Valladolid — Oviedo	1		
Sevilha — Elche		x	
Barcelona — Real Madrid	1		
Múrcia — Bétis		x	
Pontevedra — Valência	1		
Levante — A. Bilbao		x	
Orense — Corunha			2
Atlanta — Génova	1		
Bolonha — Inter		x	
Mântua — Juventus			2
Sampdoria — Spal	1		
Torino — Roma	1		

## Amizade Peninsular

(Conclusão da primeira página)

público sabe que existe — pois hoje, se quisermos, quase politicamente existe o que o público julga que existe.

Na verdade, quando em certos jornais da Europa e da América se aceitam, dos factos da vida espanhola ou portuguesa, as versões deformadas de outras cidades distantes não se faz apenas péssimo jornalismo: «abrem-se com ingénua singeleza, ao inimigo, as portas que por outras tão saçazes e custosas vias se procura cerrar-lhe».

M. TRISTÃO

EXPERIMENTE, compare e compre um BOM ADUBO.

## Nitrolusal e Nitrato de Cálcio

SÃO BONS ADUBOS

## PEQUENOS ANÚNCIOS

### Maria Angelina Correia

Médica Especialista de Crianças  
Clínica Geral de Senhoras  
Consultas das 10 às 12  
Campo 5 de Outubro Telef. 82398

### Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO  
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14  
Consultas das 15 às 18 horas  
TELEF. { Consultório 82325  
Residência 82609  
BARCELOS

### CÉSAR FERREIRA CARDOSO

ADVOGADO  
L. D. António Barroso, 9—Telef. 82447  
BARCELOS

### Relojoaria Carvalho

O RELOJOEIRO DE CONFIANÇA EM BARCELOS  
★  
Avenida Dr. Oliveira Selazar, 40

### PARA PRESENTES...

fixe somente esta Casa:  
**Ourivesaria Milhazes**  
Filial: Rua D. António Barroso  
BARCELOS  
Sede: Rua 5 de Outubro, 35  
PÓVOA DE VARZIM

### Moedas antigas

Compram-se de cobre, prata e ouro  
Rua Miguel Bombarda, 37  
BARCELOS

### Animais — Aves — Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «CÁLCIO — VITAMINAS E ANTIBIÓTICOS»  
Mais economia e eficiência  
LABORATÓRIO DA FARMÁCIA PINHO  
GUIA — LEIRIA

### ALTO-FALANTES

...prefira sempre a  
**Casa SOUCASAUX**  
Fotografias - Rádios - Óculos - Artigos fotográficos  
Tel. 82345 BARCELOS

### Máquinas de Costura SINGER usadas

Também tenho ZIG-ZAG modernas último modelo, com luz — bons preços  
**Fernando Valério de Carvalho**  
Av. Combatentes da Grande Guerra, 158  
Telefone 82583 BARCELOS

### Móveis TELES

MAIS BONITOS  
MAIS BARATOS  
ELHOR SORTIDO  
Todo o género de Colchoaria, Maples, Sofas-camas, Divãs de ferro art. e Mobiliário metálico Tapetes, Carpetes e Alcatifas  
Campo da Feira — Telef. 82453 BARCELOS